

## A ESTRUTURA AMARRADA SOMOS NÓS

**Paula Gontijo Martins<sup>1</sup>**

Enrolo quase cinco meses para iniciar a escrita. Não sei por onde ou como começar. Passaram-se seis meses e é a primeira vez que ousou voltar às memórias desta viagem que o Professor Luiz Alex Saraiva me incita a compartilhar. Percebo a dificuldade e identifico que ela advém do processo de apagamento que me permitiu voltar ao cotidiano medíocre ao qual pertencço. Releio mensagens que enviei aos amigos no percurso, revejo as fotos, retomo os relatos e os diários de viagem (três cadernos!). Elejo situações que me tocam no agora. Talvez outros tantos textos sejam necessários. A viagem ao México transformou minha escrita, meu entendimento sobre pesquisa, expandiu o que entendo por modos de existência.

Decido viajar para o México sem grandes razões. As leituras feministas, organizações comunitárias, as sabedorias dos povos Astecas e Maias me atraíam, mas não sabia ao certo o por quê da decisão. Sabia que era preciso ir sozinha. Sabia que precisaria de tempo. Sabia que seria preciso ir leve, com o mínimo de bagagem e arrogância. Dessa forma, não planejei muito. Pedi ajuda para amigos, amigos de amigos que já passaram pelo México, amigos de amigos de amigos que fizeram trabalho com grupos de mulheres, ou grupos cooperativistas no país.

Busquei também organizar alguns temas, ou melhor, organizar minha fala para pedir

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/7520951927045187>. <https://orcid.org/0000-0002-6111-0065>. [pgontijomartins@gmail.com](mailto:pgontijomartins@gmail.com). Endereço para correspondência: Rua Prefeito José Bueno de Almeida, 44, Vila Martins, Varginha, MG, Brasil. CEP: 37010-220. Telefone: Não informado.

ajuda. Mulheres, cotidiano, arte popular, cerâmica. Não tinha clareza em como conectar os pontos. Em certa medida, isso ajudou. Expliquei em vão meu percurso profissional com coletivos de artistas e de economia solidária. Entendi que as pessoas entendiam o que queriam e sabiam entender. E assim fui, no dia 25 de dezembro, a passagem mais barata que achei, viver dois meses de México.

Hoje percebo que dois construtos se fortaleceram durante a viagem, o que foi importante nos momentos de escolhas e exclusões: mulher e arte. Por meu envolvimento com a cerâmica, antes de viajar, busquei grupos de mulheres ceramistas na internet. Achei um vídeo aleatório no *youtube* que me interessou muito. O enviei para meus contatos. Uma delas, Tânia, sabia onde ficava o vilarejo, perto da cidade de Oaxaca. Tinha este grupo como uma possível visita.

Destaco também que foi importante aprender a confiar. Confiar na abertura dos processos e confiar nos seres humanos. E dentre @s muit@s que me deram aula, destaco Tânia e Érika. Tânia, amiga de uma amiga de uma amiga, formada em moda, trabalha com o resgate da tradição textil das culturas pré-hispânicas no México. Tânia acolheu minhas loucuras, sem saber, sem me conhecer, sem duvidar. Tânia também me apresentou Érika. Esta, professora de *Nahuatl*, uma das línguas originárias da civilização Asteca, na Universidade da Cidade do México, é artista plástica, bordadeira, bastante envolvida com o movimento cooperativista do México. Tânia e Érika foram fundamentais em todo processo, durante todo o percurso.

Dados estes primeiros detalhes, dividi este depoimento em quatro sessões. Uma primeira em que conto sobre o início, a chegada ao México e os primeiros estranhamentos. Depois pontuo algumas experiências com os grupos que convivi em Cuetzalan, San Marcos Tlapazola e Acteal, três cidades situadas nos estados de Puebla, Oaxaca e Chiapas, respectivamente. Como disse anteriormente, conto conforme a memória hoje dá conta de alinhar seus fragmentos.

## Primeiros estranhamentos

Como mujer blanca yo vivo sin conciencia los privilegios que el sistema racista me ha reservado desde la infancia. Están tan interiorizados y normalizados que no me percato de ellos y, por ende, me abrogo el derecho de no reconocerlos, a menos que alguien me los señale (Gargallo Celentani, 2014, p. 19).

Cheguei ao México no dia 26 de dezembro. Morta, após quase 24 horas de viagem. Mala extraviada, resolvo esperar as cinco da manhã para pegar o metrô. Um dos desafios da viagem seria me sustentar com a bolsa de estudos que ganho no Brasil. Dessa forma, economizar era parte fundamental do plano. Para tanto, transporte público e hospedagem solidária eram condições necessárias para a sustentabilidade financeira da viagem, mas também para conhecer as pessoas pelas quais buscava. E isso foi ficando cada vez mais claro no percurso. A simplicidade perpassava o processo ao qual me propunha.

No metrô, primeiro estranhamento. Começo a tomar dimensão do tamanho daquela cidade. Metrô lotado, confuso, entro no primeiro vagão que entendo ir para onde eu precisava. As portas fecham e percebo que estou no lugar errado, na hora errada. Apenas homens. Homens me olhavam de cima a baixo. Avistei uma mulher, completamente envolvida e abraçada por seu companheiro. Não entendi nada. Me perguntei se mulheres não frequentavam o metrô, talvez não aquela hora. Mas permaneci no vagão até o porto final. Ao sair, logo entendi. Alguns vagões são segmentados por gênero. Não havia percebido os desvios indicados no caminho. Homens para direita. Mulheres para a esquerda. Fiquei indignada. Bastante confusa sobre o que pensar. Foi horrível a sensação de estar só com aquele tanto de homem junto. Achei a política horrível. No entanto, após experimentar o vagão separado para mulheres, não cogitei “agarrar el metro” misto, apenas o feminino. Depois entendi que a política de segregação é recente e motivo de polêmica. Entendi também que outras

divisões, não oficiais existiam. Vagões para homens gays, mulheres gays, em determinados horários. Vagões para encontros específicos em outros. O metrô gritava as contradições e violências daquela cidade.

Após alguns dias no apartamento do tio de uma amiga, em uma região nobre da cidade, entrei em contato com Érika e pedi para ir para sua casa. Ficava claro que não fazia nenhum sentido ficar só e confortável naquele momento. Érika me acolheu como irmã. Me contou de sua vida, de suas lutas, a luta de seu povo *Nahuatl*, me levou com ela para baixo e para cima. Conheci a periferia da Cidade do México. Conheci os destroços do terremoto de 11 de setembro de 2017. Vi a dor de uma cidade que treme de tempos em tempos e se habituou com a reconstrução, com a perda, com a pequenez humana diante da força da natureza. Os abalos sísmicos fazem parte da cultura Mexicana.

Érika falou de política, falou de economia, de música, arte e cultura. Me contou sobre sua própria busca por uma vida mais coerente com a terra, com seu povo. Mas de tudo, o que ficou, foram seus questionamentos sobre as práticas de resistência. Como, quando, onde ainda resistimos? Professora de *Nahuatl*, admite que não sabe até quando terá alunos interessados pelo idioma. O México possui mais de 67 línguas indígenas ativas. Ainda conserva pessoas que não falam o espanhol.

Ao acompanhar o trabalho de mulheres bordadeiras, “mujeres tejedoras”, Érika fala sobre o processo de misturas das cores, os traçados com as linhas, o processo do corte dos panos. Questiona a maioria dos projetos “sociais” de resgate cultural em que, para vender, para angariar recursos institucionais, têm adequado as produções aos padrões estéticos comerciais. Ela questiona tanto este poder de transformação que apaga o modo de fazer daquelas mulheres, quanto a premiação de projetos por “resgatar” a cultura local, mas que desconhecem que eles apenas são possíveis pois pessoas

resistem no seu próprio existir, por permanecerem vivas, comendo o que comem, vestindo suas roupas “cafonas” e falando suas “pobres” línguas.

Érika me coloca em contato com grupo de mulheres indígenas que administram um hotel na cidade de Cuetzalan, estado de Puebla, mais ou menos 300 km dali. Mudo os poucos planos que tenho e vou para lá conhecer as experiências destas mulheres.

### **Aprendendo a ouvir**

Depois de um dia de viagem, chego ao vilarejo, alto e muito, muito, frio. A média estava entre cinco e 10 graus célsius. Cidade fria, povo das montanhas. Busco o hotel e chego no meio da tarde. Mulheres indígenas, com suas vestes tradicionais, com suas saias rodadas e seus respectivos “mantils” continuam seus trabalhos. Não sei por quê, supus que elas gostariam de me receber. Explico que vim do Brasil para conhecê-las. Pouco importa. Digo que gostaria de conhecer a organização, entender o trabalho delas. Ao mesmo tempo, peço desconto para ficar no hotel. Tudo errado. Quanta prepotência. Não avisei que chegaria, não pedi permissão, não tinha nada para oferecer. Logo percebi que eu era mais uma estudante que chegava ali para enchê-las de questões de seu próprio interesse e nunca mais voltar. Para elas, pouco importava. Não fizeram a menor questão em me receber, a menor questão em me acolher. Um, dois, três dias e não consegui abertura para conversar, saber, perguntar. Me senti um abutre. Ao final, escalaram uma das mulheres para me conceder uma entrevista. Eu fiquei tão nervosa que não sabia como conduzir. E também, não faria muita diferença. A senhora, com 20 anos de trabalho na instituição, 20 anos de luta diária para a construção de um hotel que sustenta 20 famílias indígenas, em terreno e estrutura financiada e construídas por elas próprias, me disse o que queria, na ordem e dimensões que queria. E eu, apenas ao final, relaxei. Entendi que precisava aprender a ouvir.

Fui embora no outro dia bem cedo, sem promessas de retorno algum. Antes de sair, a recepcionista, umas das mais jovens dali, me pediu meu telefone (*whatsapp*) e uma foto. E disse: “agora estamos em contato”. Entendi que tinha feito tudo errado.

Fui para Oaxaca onde encontraria Tânia.

### **Eu, pesquisadora**

Na cidade de Oaxaca fazia calor. Surpreendente como isso mudou muito as coisas. Tânia me esperava na calçada, no bairro que mora com seus pais. Fui de ônibus, um caminhão antigo, caindo aos pedaços, entusiasmada com a excentricidade do percurso. Logo depois que chegamos à sua casa, já me perguntou se eu não queria ir conhecer o vilarejo do grupo de ceramistas que eu havia encontrado na internet. Ela poderia ir naquela tarde comigo. No outro dia, não mais. Coisa de 30 minutos depois, lá estava eu com Tânia em um táxi clandestino rumo a Tlacolula, município vizinho, à 30 km de Oaxaca. Lá, perguntamos sobre o vilarejo de San Marcos Tlapazola. Explicamos que buscávamos mulheres ceramistas. Nos indicaram outro táxi. Esperamos no ponto. E fomos em seis para o vilarejo, nós duas espremidas no banco da frente, nos equilibrando nas curvas da estrada de chão. Eu não entendia quase nada. A gringa e a mestiça. Todos ali falavam zapoteco e apenas quando queriam saber algo de nós, comunicavam-se em espanhol. Tânia tão pouco falava zapoteco, mas, pelo menos, falava “mexicano”. Eu, uma gringa muito estranha, mulher de calças cinzas, que só olhava e sorria.

No próprio táxi perguntamos sobre um grupo de mulheres ceramistas da cidade. O senhor, orgulhoso, disse que quase todos eram ceramistas ali! Tentei falar sobre o vídeo que vi, eles trocaram algumas palavras que não entendi e parou o carro na entrada da cidade, na casa de uma senhora, onde havia uma placa, um cartaz, que sinalizava um projeto de empreendedorismo e cerâmica.

Batemos à porta, a vizinha ao lado abriu e nos convidou para ver suas peças. No quintal, as peças amontoadas no chão para a queima. A casa, sem móveis, tinha apenas um altar para a virgem padroeira e as peças espalhadas por todo canto. Tudo era muito simples, até mesmo nossa comunicação. A senhora falava algumas palavras em espanhol. Tentei explicar que gostaria de fazer uma pesquisa. Ela me mostrava as peças para venda. Eu disse que precisava buscar as mulheres do vídeo. Ela disse que aquelas estavam viajando. Tanto eu quanto Tânia tivemos dificuldade para sair da casa. Como explicar que não era o que buscávamos? Saímos e fomos em direção ao que entendemos ser uma praça. A cidade, vazia, parecia abandonada, e eu tinha a nítida sensação que todos sabiam que estávamos ali: olhinhos nas frestas das janelas e portas fechadas.

Na praça havia algo como um centro administrativo. Duas ou três salas e uma cela presidiária. As grades davam direto para a praça. Com muito jeito, batemos na porta e pedimos ajuda. Mostrei o vídeo das ceramistas que vi no Brasil. Um deles, logo identificou: Cristina Santiago. É ela. Chamaram um moço, que chamou outro moço que telefonou para ela. Pediram que esperássemos. Ela morava na saída da cidade e já vinha ao nosso encontro. Eu e Tânia sentamos no meio fio. O céu limpo e muito azul e uma atmosfera seca e vermelha de terra, contrastavam com umas bandeirinhas de papel que brincavam com o tempo, esquecidas entre postes. Lembro de ter olhado para Tânia e rido sozinha.

Cristi (como todos a chamavam) logo chegou. Caminhava rápido e sorria para mim. Traços indígenas, com um vestido de pregas e brilhante, todo rodado, e um avental bordado, todo florido por cima da saia. Todas as poucas mulheres que vi ali, ou no caminho, se vestiam assim. Eu analisava cada detalhe. Eu me apressei em me apresentar e dizer que a buscava por causa do vídeo que vi no *Youtube*, que vinha do Brasil para conhecer seu trabalho. Ela sorriu e disse: Alessandra! Alessandra foi a artista plástica que produziu o vídeo após um projeto com as mulheres da cidade. Mostrei o vídeo e se

divertiu. Ela falava espanhol com tranquilidade. Ela me chamou para conhecer a casa de seus pais, onde poderíamos conversar melhor. De alguma forma, de imediato, ela me acolheu, nos demos bem. Incrível sua abertura. Na casa de seus pais, me mostrou algumas de suas peças de cerâmica. Disse que todas as mulheres ali trabalhavam o barro, e que as mulheres do vídeo eram suas parentes, mãe, avó, tia e irmãs.

Eu tentei explicar o porquê de estar ali. Falei da pesquisa de doutorado. Falei do meu trabalho em cerâmica. Expliquei que gostaria de viver com ela um tempo, que gostaria de aprender cerâmica com ela, que gostaria de aprender sobre como ela trabalha e se organiza. Ela trocou umas palavras em zapoteco com sua sogra, Petrolina. Ela me perguntou se já ficaria de uma vez. Eu, surpresa, disse que só precisaria buscar minha mala em Oaxaca, mas que poderia voltar no outro dia logo pela manhã. Perguntei se dez dias era muito, se seria um problema, se não gostaria de conversar com seu esposo primeiro. Ela riu e disse que achava que ficaria uns dois ou três meses. Disse algo do tipo: "só dez dias?? É muito pouco para aprender qualquer coisa." Eu não imaginava a verdade dessa fala.

Voltei no outro dia. Cristi me esperava num ponto de táxi em Oaxaca. Passamos no mercado, fizemos compra, paguei as compras, ainda sem saber como seria, o que propor, o que pagar, como contribuir. Lembro que cheguei a suspeitar de Cristi. Pensar que ela poderia estar interessada apenas no meu dinheiro. Ela, a interesseira!

Aos poucos fomos nos conhecendo. Fui entendendo a rotina. Os fluxos. Pouco a pouco fui entendendo e admirando-a mais, ao ponto em que me achava horrível com aquelas calças. Invejei as saias coloridas e brilhantes daquelas mulheres!

Vivi 10 dias na casa com Cristi. Uma casa de mulheres. Cinco mulheres e um menino. Ali compartilham tudo, os afazeres, a comida, os cuidados, a educação de Marquito. Estas cinco mulheres me acolheram por completo. Cozinhei, "desgranei" milho, fiz tortilha, fui

buscar lenha, levei e busquei Marquito na escola. Achei que aprenderia a fazer cerâmica. Mas não. Aprendi outras coisas com Cristi. Aprendi sobre o tempo. Aprendi sobre a simplicidade. Aprendi sobre a crueza da vida sem grandes promessas e idealizações. Aprendi sobre mulheres que se ajudam.

Na cidade quase não havia homens. Apenas mulheres, crianças e idosos. Dos 3500 habitantes que a placa na estrada anunciava, apenas 900 estavam ali. A maioria vivia nos Estados Unidos, trabalhando como imigrantes ilegais. O esposo, sogro, primos e amigos de Cristi, todos deixaram a cidade por volta dos seus dezoito, dezenove, anos.

Eu e Cristi conversamos muito. Muito. E, a cada dia, me sentia mais próxima. Me sentia intrusa também. Eu me perguntei, diversas vezes, sobre a honestidade de estar ali. Por mais que me explicasse, não havia muito entendimento sobre o que uma mulher sozinha fazia ali. Na minha idade, eu deveria estar cuidando de uma família já constituída. Encaixavam-me em diversas categorias, dependendo do humor e assunto: viajante, pesquisadora, branca, gringa, rica, velha, solteira, sem filhos, da cidade. Em uma festa, me arrumaram um pretendente e, ao me verem chorar, pela fumaça do fogão a lenha, me perguntaram: "mas como você vai fazer para casar aqui, se não dá conta de fazer tortilhas?". Os papéis se misturavam e eu me perguntava se teria outra forma, outro jeito, senão, estar ali, sendo tudo aquilo ao mesmo tempo.

Um dia antes de partir fiz uma entrevista com Cristi. Eu me senti uma idiota. Perguntei sobre o seu fazer, sobre sua relação com o trabalho com a cerâmica, sobre sua rotina e trabalho. Mas tudo pareceu muito falso. As perguntas e as respostas não condiziam com a profundidade do que compartilhamos naqueles dias. Não consegui fazer as perguntas devidas. Cristi não detalhou como imaginei. O silêncio me constrangeu. E depois de desligado o gravador, a conversa continuou. Falamos sobre o tempo. Falamos sobre a diferença campo e cidade. Falamos sobre o planejamento do dia de acordo com os ciclos da natureza. Percebi minha dificuldade e falta de aptidão para me

posicionar como pesquisadora. Minha imaturidade talvez, mas também o quanto aquelas questões eram minhas, muito pessoais. Meus conflitos sobre o distanciamento entre vida e trabalho, arte e vida, sobre o difícil respeito ao tempo de cada processo e a estranha mania de querer acelerá-lo.

Cristi comenta que para ela as horas não fazem sentido. Importa se há luz. Sabe os dias da semana, pois tem que levar Marquito à escola. Não possui horário para trabalhar o barro, tampouco diferencia arte, trabalho ou lazer. Sua forma de fazer é a mesma para cuidar dos *borregos*<sup>2</sup>, ajudar os vizinhos a colher a *mayorca*<sup>3</sup> seca, ou peneirar a areia. Ela diz que faz o que precisa ser feito, no tempo de cada coisa.

Ao me despedir de Cristi, chorei. Marquito, que sonha ser astronauta, prometeu me visitar de nave espacial no Brasil. Voltei para a cidade de Oaxaca com uma sensação que voltava no tempo. Vivi algo que não caberia naquele novo contexto. E ao encontrar minha amiga que me espera em um pequeno hotel, caiu a ficha de que todas as relações, qualquer uma que me cercava ou me envolvia, perpassava a troca financeira. Por alguns dias, me esquecido disso.

### **Eu, branca, burguesa e ocidental**

Depois de Oaxaca, desci para o estado de Chiapas. Oaxaca e Chiapas são os estados economicamente mais pobres do México, e também, com maior população indígena. A relação fica bastante clara. O México é enorme, cada estado, um relevo, clima, vegetação, história e cultura. Imensa diversidade cultural, grupos étnicos, religiões, ritos e tradições. Eu não tinha dimensão alguma desta multiplicidade. Cada grupo, uma roupa, uma língua, um prato típico. Impossível descrever. No entanto, em Chiapas, mais

---

<sup>2</sup> Cabritos ou cabras. Ainda não consegue saber se chamam todos de *borregos*.

<sup>3</sup> Demorei a entender que nosso milho possui várias definições e nomes dependendo de sua maturidade ou preparo. A *mayorca* constitui o milho seco, pronto para ser desgranado e depois moído.

especificamente San Cristobal de Las Casas, a diversidade está vinculada ao conflito. No dia que cheguei à cidade, testemunhei uma passeata de vários grupos indígenas em protesto à mudança clerical da cidade.

Foi no Estado de Chiapas que os levantes indígenas delimitaram e declaram diversos territórios autônomos em relação ao Estado. Os Zapatistas, em 1994, foram um deles. Organizados nas décadas de 1970 e 1980 por grupos vinculados à teologia da libertação, grupos indígenas reivindicam seus direitos à terra, educação e participação política. Até então violentados, encarados como bichos, rebelam-se. Alguns por via armada. Lutam até hoje por respeito à cultura, território e economia local. Desacreditados de qualquer parceria ou benefício providos pelo Estado, renunciam qualquer ajuda ou submissão. Não reconhecem o Estado mexicano como soberano. Percebem na pele o preço pago à submissão e controle estatal. Os ditos ignorantes renunciam os números, os serviços públicos, o ensino. Organizam-se para a gestão própria de suas vidas.

Com enorme respeito ao movimento indígena, não sabia como me aproximar, aprender, entender as lutas sem invadir, atrapalhar. As falas são melindrosas, polêmicas, a disputa ideológica é latente. Alguns contatos que tinha pararam de me responder. Percebi, logo de início, que ali não caberia minha tese, não caberia o vínculo institucional da universidade. Várias experiências acadêmicas com os indígenas foram destruidoras. Contaram-me casos em que pesquisadores pagavam bebida alcoólica para que indígenas falassem mais, contassem sobre suas vidas. Eu me vi neste lugar; me vi no eterno interesse de olhar segundo uma análise, de olhar criticamente para o que vivia, como se tivesse que extrair dali qualquer informação que me valeria um artigo posterior. Neste momento, tive preguiça de mim, das minhas fotos, do meu diário. Tive preguiça da instrumentalização que eu fazia do simples encontro com pessoas que existiam à sua maneira.

Desiludida das pretensões acadêmicas, caí em uma reunião de voluntariado de um programa do Centro de Direitos Humanos Fray Bartolomé de Las Casas, que organiza “observadores”, gringos, brancos, para os territórios autônomos, com o objetivo de diminuir os riscos de uma ataque militar por parte do Estado, ou dos *partidistas*<sup>4</sup>. Sem muito entender o que estava acontecendo, me alistei para oito dias na Comunidade Las Abejas, no distrito de Acteal, 60 km de San Cristobal de Las Casas. Fiquei oito dias em um centro administrativo independente do estado, junto à mesa diretiva desta comunidade, com a incumbência de apenas observar, não interferir ou intrometer, apenas relatar possíveis eventos que pudessem colocar a comunidade em risco, e também, ocupar, estar ali, para garantir a presença naquele território em disputa.

Las Abejas de Acteal é uma comunidade indígena rebelde que em 1992 declarou sua autonomia perante o Estado. Hoje é constituída por 223 famílias, com suas respectivas propriedades de terra e um centro administrativo. Local em que em 22 de dezembro de 1997, 45 pessoas foram mortas, duas delas grávidas, após massacre financiado pelo Estado. No local destas mortes, ergueram um monumento, uma igreja, uma escola, um centro administrativo que relembram todos os dias, o massacre ocorrido. Tive a oportunidade de conversar com lideranças que perderam seus familiares no massacre. Conversei com Lupita, liderança que muito pequena viu seus pais serem assassinados. O massacre é permanente. As perseguições, mortes e prisões persistem.

A resistência me impressionou. A organização coletiva me impressionou. A consciência como grupo em luta me impressionou. A dedicação pela causa comum me impressionou. Não as entendo. Sou incapaz de entender de onde vem a força para tamanha resistência. Percebo que sou branca e ocidental demais para entender. Completamente ignorante de minhas raízes e da importância que uma cultura

---

<sup>4</sup> Os *partidistas* são pessoas que pertencem a algum partido político e, assim, aceitam recursos do Estado. Alguns *partidistas*, financiados pelo Estado, são armados para combater os grupos autônomos. O conflito não é apenas entre Estado e grupos autônomos. O conflito se dá, está, entre os civis.

originária teria dentro de mim. Percebo minha completa desconexão histórica do que eu poderia chamar de meu povo.

Das 223 famílias, anualmente elegem mesa diretiva que ocupa e reside o centro administrativo. Sem receberem nada em troca, não há remuneração, entre seis e dez homens dedicam seis dias da sua semana, longe de suas casas, terras, famílias, para a organização do espaço e de projetos para a comunidade. Anualmente rotacionam os representantes da mesa e assim compartilham a responsabilidade de manutenção do projeto político comum. Estes homens dormem em cabanas, sem luz, saneamento e água encanada. A comida, feita a lenha, no chão, tem como base o milho, o feijão e o café. Passam o dia sob possível ameaça. E, neste caso, possuem como norma a não militarização. Declaram-se como movimento não armado.

Volto para San Cristobal sem fala. Descobri, no último dia, que um atentado a um representante do Estado havia sido realizado a menos de 500 metros de onde eu estava. Entendi que o perigo é eminente. Queimaram e jogaram o carro num dos despenhadeiros da região. E não posso dizer que as referências são outras. Que a pobreza e o sofrimento são tamanhos que não possuem nada a perder. Estão ali colocando a vida em questão e a organização coletiva é a única alternativa que vislumbram como possibilidade. Eles sabem no corpo que a única possibilidade de continuarem vivos é se organizados politicamente.

Escrevo hoje como compromisso para que esta realidade seja conhecida. Para que saibamos que este tipo de situação está em todo o mundo. Eu não imaginava a possibilidade de existência de tamanha resistência, de tamanha entrega, com a completa negação do Estado. Eu não imaginava ser possível vida sem Estado, tamanho meu "aburguesamento". Depois de Actel, em conversa com um recém pai de família Zapatista, perguntei sobre os trâmites legais com a criança. Ele não entendeu o porquê de minha pergunta e me devolveu: e para que serve registrar meu filho?

\*\*\*

Estas são algumas memórias dessa viagem que não terminou. Poderia ter selecionados outras, mas, de alguma forma, os fatos que destaco me trazem a real sensação que sim, é possível nos organizarmos como seres humanos de outra forma, que sim, é possível pensar que um outro mundo é possível e que sim, há pessoas no mundo que já fazem aquilo que insistimos em apagar, negar, esconder, argumentar que não tem jeito, e que não temos como mudar uma estrutura tão amarrada, tão complexa, tão enraizada em nós. Sim, a estrutura amarrada somos nós.



**Figura 1. Sinalização para a divisão de vagões de metro Cidade do México**

Fonte: Acervo da autora.



**Figura 2. Mulheres organizadas para reunião do comitê de saúde da cidade de San Marcos Tlapazola**

Fonte: Acervo da autora.



**Figura 3. Sinalização disposta no centro da cidade de San Marcos Tlapazola**

Fonte: Acervo da autora



**Figura 4. Igreja no centro administrativo de Actel**

Fonte: Acervo da autora.



**Figura 5. Desenho da autora enquanto esperava reunião da mesa diretiva de Acteal**

Fonte: Acervo da autora.

## REFERÊNCIAS

Gargallo Celentani, Fernanda C. (2014). *Feminismos desde Abya Yala. Ideas y proposiciones de las mujeres de 607 pueblos en nuestra América*. México: Corte y Confección.

## A ESTRUTURA AMARRADA SOMOS NÓS

### Resumo

O artigo constitui depoimento sobre a experiência de viagem e de pesquisa da autora para o México, em janeiro e fevereiro de 2018, em busca de mulheres artistas populares e seus modos próprios de organização cotidiana. O texto objetiva compartilhar as inseguranças e descobertas da autora, diante de encontros e estranhamentos, questionando o lugar do saber como posse e da pesquisa como conquista.

### Palavras-chave

Cotidiano. Organização do cotidiano. Decolonização do saber.

## LA ESTRUCTURA ATADA SOMOS NOSOTROS

### Resumen

El artículo constituye testimonio sobre la experiencia de viaje y de investigación de la autora para México, en enero y febrero de 2018, en busca de mujeres artistas populares y sus modos propios de organización cotidiana. El texto objetiva compartir las inseguridades y descubrimientos de la autora, ante encuentros y extrañas, cuestionando el lugar del saber como posesión y de la investigación como conquista.

### Palabras clave

Vida cotidiana. Organización de la vida cotidiana. Decolonización del conocimiento.

## THE TIED STRUCTURE IS US

### Abstract

The article is a testimony about the author's travel and research experience for Mexico in January and February of 2018, in search of popular female artists and their own modes of everyday organization. The text aims to share the author's insecurities and discoveries, in the face of encounters and estrangements, questioning the place of knowledge as possession and research as conquest.

### Keywords

Daily life. Organization of daily life. Decolonization of knowledge.

## **CONTRIBUIÇÃO**

**Paula Martins Gontijo**

Elaboração e escrita do artigo.

## **AGRADECIMENTOS**

Os recursos provenientes para pesquisa e escrita deste artigo são provenientes da bolsa de doutorado concedida pela CAPES.

## **DECLARAÇÃO DE INEDITISMO**

A autora declara que a contribuição é inédita.

## **CONFLITO DE INTERESSES**

A autora declara não haver conflito de interesses.

## **COMO CITAR ESTA CONTRIBUIÇÃO**

Martins, Paula G. (2019). A estrutura amarrada somos nós. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 6(16), 737-758.